

## SEXUALIDADE INFANTIL

### CHILD SEXUALITY

Ellen de Albuquerque Rodrigues<sup>1</sup>  
Eunice de Albuquerque Silva<sup>2</sup>  
Jocinira Souza Silva<sup>3</sup>  
Marilene Maria Schnorr<sup>4</sup>  
Selma de Albuquerque Rodrigues<sup>5</sup>  
Vanessa de Fátima Sobral da Conceição<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente artigo teve como objetivo principal, discutir a importância da formação lúdica do professor de educação infantil. Justificamos a intenção do mesmo, pois consideramos que se as brincadeiras fazem parte do universo da criança, devem prioritariamente, se fazer presente na formação inicial e continuada dos profissionais que atuam neste nível de ensino. Um outro fator que justifica a pertinência dessa pesquisa, diz respeito a ausência de experiências lúdicas nos cursos que formam professores no Brasil. Do ponto de vista prático, geralmente as grades curriculares enfatizam mais saberes teóricos, não se preocupando em possibilitar aos acadêmicos, o contato com a criança desde o início da formação. O brincar implica no desenvolvimento cognitivo, social, emocional, psicomotor e afetivo, assim é necessário que o professor de educação infantil receba uma formação adequada para atuar com a criança, formação esta que priorize a dimensão lúdica, a fim de que o brincar seja estimulado no contexto da sala de aula.

**Palavras-chave:** Formação Lúdica. Professor. Criança. Saberes e Fazeres.

**ABSTRACT:** The main objective of this study was to discuss childhood sexuality and the importance of teacher training for these discussions in early childhood education. The intention to do so is reasonable in the sense of presenting sexual issues, the influence of the media and, mainly, the context of pedagogical work in early childhood education. In this way, it is believed that continuing education is necessary to cover the challenges posed by the theme to discuss child sexuality in a natural and necessary way.

**Keywords:** Childhood. Sexuality. Teacher training.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Educação Infantil pela FACIPAN.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Várzea Grande – UNIVAG, Especialista em Educação Infantil pela FAUC.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade Afirmativo, Especialista em Educação Infantil com Ênfase em Atendimento Educacional Especializado - AEE Instituto INVEST de Educação Consultoria e Assessoria.

<sup>4</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil, Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade das Águas Emendadas – FAE.

<sup>5</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Várzea Grande - UNIVAG, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Castelo Branco.

<sup>6</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade da Região Serrana.

## 1. INTRODUÇÃO

É no ambiente escolar, principalmente na educação infantil, que as crianças têm a oportunidade de desenvolver o aprendizado, principalmente suas habilidades cognitivas, físicas, motoras, emocionais e afetivas. Para que esse objetivo seja efetivo na educação infantil, é preciso contar com professores qualificados e comprometidos em trabalhar efetivamente com as crianças, respeitando sua individualidade e descobertas.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo discutir a infância, a sexualidade infantil e a formação de professores na educação infantil, levando em consideração o desenvolvimento da sexualidade infantil, tema que precisa ser melhor compreendido no campo da educação infantil.

No entanto, sabe-se que na contemporaneidade, a imagem da criança se configurou para se aproximar da dos adultos e vice-versa, seja em seus estilos, preferências, comportamentos e, o mais preocupante, frente ao conceito de mercado, quando estimula a libido dos pequenos. Neste estudo, a compreensão do conceito de 'sexualidade infantil' e a formação de professores para lidar com esse tema no trabalho direto com crianças pequenas foram utilizadas como categorias de análise.

Por tudo isso, é compreensível que a apropriação de uma teoria que permita a leitura transcender as descrições societárias da sexualidade infantil retorne efetivamente ao espaço da educação infantil, e principalmente aos professores, no exercício de sua atividade intelectual. Ao mesmo tempo, a partir do pressuposto de valorização da criança, possibilita novas posturas como professores da educação infantil e oferece a cada criança a oportunidade de desenvolver suas possibilidades pessoais, sociais, sexuais e emocionais, principalmente suas personalidades enquanto crianças.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Sexualidade infantil

O conceito de sexualidade é relativamente recente, remontando ao século XIX, e seu surgimento permitiu maior reflexão e discussão sobre a sexualidade. Diante disso, muitos autores fazem uma distinção ao falar sobre sexo e sexualidade. Para muitos autores, o sexo é um fato natural, genético, biológico, relacionado à atração

física entre pessoas. Outros entendem que sexo/sexualidade é um fenômeno que muda com a sociedade, cultura e história em que os humanos vivem.

Como nos diz Pinto (1999, p. 18), que compreende que a sexualidade é um:

[...] comportamento sexual instintivo é próprio de cada espécie, mas nos humanos ele vem sofrendo adaptações culturais de tal monta que não nos é mais possível dizer qual seria o comportamento sexual das pessoas se pudessem voltar ao tempo do puro instinto. Regras culturais, vestimentas, cosméticos, adornos, elementos artificiais criados pelo ser humano, acabaram proporcionando uma ampliação no conceito de sexualidade. [...] A sexualidade humana está permeada de símbolos que direcionam o desejo e são por ele direcionados.

Portanto, a sexualidade se expressa de diferentes formas, levando em conta as diferenças físicas e de subjetividade de cada sujeito. Segundo Frison (2009, p.2), o sexo é óbvio:

[...] através de atitudes, comportamentos, gestos, ultrapassa, portanto, a dimensão biológica, pois envolve emoção, afeto e imaginário. A sexualidade se expressa através do corpo, na subjetividade única de cada sujeito. Ela mostra sua dimensão existencial, quando pensada como direito individual, da ordem do íntimo, que envolve o sujeito em sua totalidade. Ela manifesta sua dimensão social, quando as peculiaridades adquiridas emergem da sociedade em que o sujeito está inserido.

De acordo com Bruns e Santos (1997 p. 13-14) a sexualidade é possível de ser entendida:

[...] por uma perspectiva mais abrangente, a qual possui uma conotação que envolve dimensões além dos limites biológicos, incluindo o relacionamento, o erotismo, a fantasia, o prazer e também as questões ligadas à cultura, à religião, a simbolização, aos interditos e à própria construção do ser humano, e não apenas a genitalidade. [...] por seu caráter social, cultural e, conseqüentemente, histórico, isto é, em decorrência da transmissão de valores e ensinamentos de pais para os filhos, da influencia da Igreja, da Escola, dos meios de comunicação e de todos os meios nos quais o ser humano está inserido, foram instituídas normas e regras que direcionavam (e direcionam) o proibido e o permitido, o perverso e o aceito, possibilitando ao ser humano viver em sociedade.

Portanto, ao tratar do tema da sexualidade, é necessário considerar todas as questões éticas, morais e sociais; bem como o respeito, a liberdade e a autonomia das crianças. No entanto, há a necessidade de desmistificar a sexualidade como uma área fora dos limites para as crianças, pois o que se acredita ser difundido é o vínculo controlador entre educação e sexualidade infantil, em que educadores e pais trabalham para que as crianças se comportem como os adultos. Sem permitir a essa criança o seu direito ao respeito como ser humano. Nessa perspectiva, Figueiró (2006, p. 17) nos conta sua compreensão da sexualidade:

[...] é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é, também, culturalmente determinada. As informações sobre ela trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, tanto individual, quanto coletiva, pois é esse exercício que permitirá ao educador reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações mais saudáveis e positiva e capaz ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade.

Segundo a autora, para que tenha-se uma compreensão mais ampla do que é o sexo, é preciso considerar os diversos significados que os contextos institucionais e educacionais atribuem a ele, pois cita como referenciais cinco paradigmas, que foram formulados por Nunes (1996). O primeiro conceito, denominado médico-biologista, vê o sexo como uma dimensão biológica e reprodutiva. Considera que esta ação é uma condição decisiva na vida humana.

Um segundo conceito de terapêuticos descompressiva diz que o sexo é subjetivo, pessoal e considerado instintivo ou selvagem no corpo humano. Isso busca satisfação e alegria em troca. O conceito normativo-institucional, por outro lado, sustenta que a sexualidade está associada a todos os aspectos da vida humana e a uma série de comportamentos socialmente permitidos e, por outro lado, os comportamentos sexuais estão associados a comportamentos proibidos. Implica, ainda, na necessidade de aprovação de normas regulatórias previamente repassadas pelas famílias.

O quarto conceito, entendido como consumismo-quantitativo, defende que a sexualidade é regulada e controlada socialmente e pode ser traduzida em produtividade, pois inclui a incitação à sexualidade quantitativa, ideias de alienação emocional e, principalmente, atração de vendas e Marketing.

O último conceito, entendido como sendo dialética e política, entende a sexualidade como uma condição humana, um estado de construção pessoal e social em que o ser humano é sujeito ativo desse processo, pois influencia a construção de valores e normas. Ao mesmo tempo, também é influenciado por sua dialética.

A partir desses conceitos, pode-se compreender a importância de estudar e compreender a sexualidade infantil e suas necessidades para o desenvolvimento infantil. Para tanto, é necessário analisar um dos principais documentos que discutem a importância da sexualidade para a formação dos pequenos.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) demonstra a importância do desenvolvimento da identidade e da autonomia na educação infantil. Primeiramente, é preciso compreender como se dá a formação

peçoal e social da criança, pois é assim que ela desenvolve sua própria confiança, aceitação e bem-estar.

Classifica as fases de desenvolvimento sexual: a fase oral e o sugar, a fase do controle esfinteriano, as explorações dos órgãos genitais. Considera as relações de gênero e a identidade sexual como relevantes para a criança de zero a seis anos de idade, para o seu desenvolvimento psicossocial. Destaca o papel do adulto nas expressões da sexualidade da criança, pois de suas reações saem determinantes de atitudes posteriores da criança frente à sexualidade. As relações de gênero são tomadas também no modo da binaridade sexuais menina/menino, a partir da percepção de diferenças anatômicas entre os sexos biológicos, que são objeto da curiosidade da criança (RAPOSO, 2004, p. 63).

Na discussão da formação pessoal e social no artigo do RCNEI, examina-se a importância da sexualidade na formação das identidades das crianças e como os adultos influenciam as atitudes das crianças. Nessa discussão, a identidade e a autonomia das crianças estão relacionadas ao seu meio social, sua família, escola e todas as disciplinas a que estão expostas.

O complexo processo de construção da identidade e da autonomia depende tanto das interações socioculturais como da vivência de algumas experiências consideradas essenciais associadas à fusão e diferenciação, construção de vínculos e expressão da sexualidade. (BRASIL, 1998 p.11-15)

Ainda no documento do Ministério da Educação RCNEI, sua grande contribuição pode ser observada quando se refere ao valor da compreensão da criança sobre seu próprio corpo, seus limites e desejos; pois quando uma criança nasce, o seu corpo é, para ela, uma extensão do corpo da mãe. A criança descobre lentamente que tem um corpo, que tem seus próprios desejos e movimentos. Descobre o desejo de ser tocada e acariciada ao trocar de roupa, tomar banho, massagear, tocar a pele estimula seus sentimentos, principalmente sua sexualidade.

Para o RCNEI (1998, p. 17-18) o sexo contribui para o desenvolvimento humano e a vida psicológica. Ele é estruturado de acordo com o meio social em que o indivíduo está inserido, pois é marcado por questões culturais e sociais, principalmente pela história. Entendemos então que a sexualidade de uma sociedade é marcada por regras e condições sociais, pois desde que nascemos nos construímos como sujeitos com múltiplas identidades (gênero, raça, religião, sexualidade etc.). Portanto:

A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo. A relação das crianças com o prazer se manifesta de forma diferente da do adulto. Em momentos diferentes de sua vida, elas podem se concentrar em determinadas partes do corpo mais do que em outras. A boca é uma das

regiões pela qual as crianças vivenciam de modo privilegiado sensações de prazer, ao mesmo tempo em que constitui em recurso de ação sobre o mundo exterior.

Quando uma criança começa a diferenciar os genitais, ela se torna consciente da sexualidade. Essa distinção surge porque as crianças estabelecem relacionamentos com seus pais desde o nascimento, os observam e os tocam. Para Werebe (1998 p. 27), é essa exposição que ajuda as crianças a desenvolverem seus próprios corpos.

A tomada de consciência da diferenciação sexual começa quando a criança constata a entre os órgãos. A educação, as influências familiares e do meio em que vive vão indicar para a criança os papéis socialmente aprovados para cada um dos sexos. Geralmente a criança diferencia os sexos – a começar pelo pai e pela mãe – pelas funções e papéis que eles desempenham.

O desenvolvimento e descoberta do próprio corpo é objeto de ampla discussão entre vários autores, mas descreveremos a fase observada pelo médico austríaco Sigmund Freud.

## 2.2. Desenvolvimento Psicosssexual

Em 1905 Sigmund Freud escreveu sua obra intitulada de “Três ensaios de sexualidade”. No segundo livro deste compêndio, ele relata o processo de desenvolvimento psicosssexual em crianças. Esse processo é entendido como o momento em que o indivíduo encontra prazer em seu próprio corpo, ou seja, o corpo possui zonas erógenas que permitem ao indivíduo desfrutá-lo.

Para compreender melhor cada período, Freud dividiu a sexualidade infantil em cinco etapas, com base nos órgãos, criaturas e objetos que proporcionam prazer e na relação que o indivíduo desenvolve com eles. Para ele, a criança constrói sua sexualidade por meio do desenvolvimento físico e mental, passando pelas fases sexuais ou fases que a fazem feliz. Ele chamou essas fases de fases oral, anal, fálica ou genital, latência e puberdade, que ocorrem naturalmente em todos os indivíduos e em diferentes idades, respeitando o desenvolvimento sexual e estabelecendo suas necessidades e prazeres no indivíduo.

A primeira fase revelada por Freud envolve a fase oral, que dura até cerca de dois anos de idade, na qual a área de prazer e satisfação é a boca. É nesse período que a criança gosta de sorrir, morder, chorar e chupar o seio da mãe, pois o bebê toca o mundo, explora objetos e seu próprio corpo pela boca. Freud destacou que essas atividades são principalmente sensoriais, e a satisfação encontrada em tais

comportamentos se cristaliza a partir da "libido", entendida como permeando toda a energia psíquica da educação social da criança.

A segunda fase descrita por Freud é chamada de fase anal (aproximadamente entre dois e quatro anos), e é quando a criança começa a controlar o esfíncter (urina e fezes) e sente prazer em realizar esse movimento. Segundo Nunes e Silva (1997 p.79), a fase anal é o período de:

[...] internalização e educação das normas de controle do intestino, onde a criança sente prazer em produzir as fezes e urina. [...] A satisfação libidínica não é, nesta fase, puramente neurológica ou sensorial, mas ultrapassa este plano das sensações de gratificação simbólico-social da criança em cumprir com as exigências maternas da higiene e controle metódico e adequado do esfíncter, através da padronização de suas necessidades fisiológicas.

A terceira fase é entendida como fálica ou genital e ocorre entre as idades de três e cinco anos. Esta fase é conhecida pela descoberta dos próprios órgãos sexuais. A criança começa a gostar da manipulação de seus órgãos reprodutivos. É aqui que começa o período de autoconhecimento do corpo, e que há diferenças entre os corpos das meninas e dos meninos.

Nessa descoberta das diferenças das genitais entre meninas e meninos, que a menina se sentirá "frustrada" por não descobrir ainda a vagina e achar que só existe o pênis, ou seja, a vagina ainda é ignorada. Nunes e Silva (1997 p.79) nos conta como Freud descreveu esse momento:

[...] a época das descobertas das diferenças genitais, onde o menino seria diferentemente identificado com a sociedade patriarcal através da descoberta do "pênis" e sua simbologia e a menina experimentaria a "castração" simbólica, geradora de ansiedade, a base das sublimações, pela descoberta da "ausência" do "pênis". É uma fase de intensos idílios e jogos sexuais.

O quarto estágio, chamado período de incubação, ocorre entre as idades de 6 e 9 anos. Sua principal característica é a diminuição da libido. Nesse período, a criança busca outros conhecimentos que considera mais importantes, como o desenvolvimento intelectual e social. Isso não significa que as crianças não continuem a explorar e buscar as diferenças entre seus próprios corpos e os dos outros, mas sim que a sexualidade é tendenciosa, influenciada pela introdução da criança na escola e outras circunstâncias sociais. Freud aponta, conforme nos revela Nunes; Silva (1997, p. 80):

[...] uma “distensão”, talvez causada pelo excesso de energia psíquica empreendida na questão do idílio edipiano e uma retomada dos jogos de regras, além da vibrante internalização de diferenças sexuais e papéis sociais.

O quinto e último estágio descrito por Freud é chamado de puberdade ou genital, e começa dos dez aos dezoito anos. Durante este período, a criança passa de um estágio para outro, determinando a adolescência. Este é um estágio de maturidade mental e física. Nesse estágio, há um retorno ao estágio genital, mas há outro desejo, que é o desejo sexual. Esse desejo está relacionado à ação hormonal, aumenta e o corpo amadurece.

Este é um momento de grande transformação física, biológica, emocional e social. Essas transformações estão entrelaçadas com alegria e satisfação física. É por isso que a masturbação, os sonhos eróticos e as fantasias sexuais são comuns. Nas meninas, esta fase é marcada pela menstruação.

Essa busca por algo fisicamente diferente dos outros é destacada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, pois permite que as crianças desenvolvam habilidades emocionais, afetivas e cognitivas. Portanto, é muito importante porque permite que as crianças compreendam seus próprios corpos, os corpos dos outros e seus próprios limites.

Com base nas descobertas de Freud, Werebe (1998 p. 63-64) resumiu sua compreensão de cada estágio da sexualidade infantil:

As primeiras manifestações sensuais (ou sexuais) são autoeróticas, isto é, elas não se dirigem a um objeto externo, mas sim ao próprio corpo. Entre o segundo e o quinto ano de vida, observa-se uma intensificação do jogo genital, cuja participação emocional varia de acordo com a atitude do meio, em particular dos pais. Nas culturas permissivas, como indicam os estudos antropológicos, as crianças não sofrem repressão neste terreno. Mas quando esta repressão existe, sobretudo na família, procura-se eliminar na criança uma conduta considerada indesejável. De qualquer forma, o onanismo infantil não tem a mesma significação psicológica que a masturbação propriamente dita e que surge mais tarde na puberdade. [...] Na fase genital, as pulsões parciais se organizam em função da constatação da diferença dos sexos e, principalmente, da ausência do pênis na menina. Esta constatação deu origem à teoria freudiana de castração (a angústia da castração que acompanharia esta descoberta). Desde os dois anos e meio, a criança se interessa pela diferença entre os sexos, observando o modo de micção das crianças dos dois sexos. A intervenção do adulto nas investigações da criança pode contribuir para criar ou reforçar o sentimento de vergonha, associado ao próprio corpo, em particular aos órgãos genitais. [...] A consciência do corpo, de um corpo sexualizado, constitui um elemento constitutivo da individualização. Entram em jogo a percepção visual do corpo, o reflexo da percepção que os outros tem da imagem corporal da criança.

Pode-se verificar que no RCNEI (1998, p. 25) é relatada a importância de cada etapa para a descoberta do próprio corpo e do corpo alheio:

A aquisição da consciência dos limites do próprio corpo é um aspecto importante do processo de diferenciação do eu e do outro e da construção da identidade. Por meio das explorações que faz, do contato físico com outras pessoas, da observação daqueles com quem convive, a criança aprende sobre o mundo, sobre si mesma e comunica-se pela linguagem corporal.

Para Camargo, Ribeiro (1999, p. 95) o conhecimento do próprio corpo e do outro “é um processo gradativo, dinâmico, no qual a criança terá possibilidade de diferenciar e relacionar saberes cada vez mais complexo”. Por ser a criança um ser que está em construção, ela deve ser compreendida como esse ser que está se desenvolvendo.

## CONCLUSÃO

No entanto, um dos pontos a serem considerados neste estudo é focar na criança sendo vista e considerada como um ser único que precisa ser mediado socialmente e estimulado a se desenvolver de forma mais significativa. Assim, a sexualidade infantil é uma das várias questões que os professores de educação infantil precisam compreender e mediar melhor.

Dessa forma, não se pode deixar de abordar o tema com compromisso com a criança, pois há a necessidade de buscar uma educação de qualidade que respeite as descobertas e necessidades da criança.

A história da infância e como ela mudou ao longo do tempo pode ser revisada, e as crianças não são mais vistas como “adultos em miniatura”, mas como um sujeito que vai se construindo e se desenvolvendo, com particularidades e necessidades.

Eles trazem novos e muito importantes conhecimentos sobre temas abordados na sexualidade como: sexualidade infantil, desenvolvimento psicosssexual de Freud e cultura midiática, concluiu que a pesquisa sobre sexualidade infantil é muito importante, pois permite que as crianças se desenvolvam de forma completa e natural, principalmente precocemente os professores da educação infantil devem ajudá-los a compreender esta sexualidade, interpretá-la de forma clara e educativa, sem os constrangimentos ou inibições.

Além disso, os professores precisam desenvolver conceitos críticos a partir das influências da mídia, cuidando para não estimular a erotização nos espaços de educação infantil, quando as crianças são expostas a cenas e conteúdos adultos acabam por

reproduzi-los e correm risco de se tornarem precoces e erotizadas. Uma das situações comuns nos espaços infantis é a ação permissiva e o comportamento descontrolado de músicas que estão "em alta" na mídia, uma vez que as crianças acabam colocando essas músicas nas escolas e os professores, sem prévia análise, permitem sua audição e reprodução com expressões diversas, muitas vezes, sexualmente provocativas.

Assim, é preciso atentar para essas questões, pois as crianças chegam à escola já expostas à cultura midiática e acabam por reproduzi-la no ambiente escolar, seja por meio de seu comportamento, vestimenta, linguagem, além de serem seduzidas e transformadas em pequenos adultos.

No entanto, sabe-se que o capitalismo investe pesado nesse setor, onde são confeccionados roupas, calçados, produtos de beleza, o que afeta diretamente as crianças que querem se parecer com suas mães ou apresentadores de TV. Mas não é apenas a mídia televisiva que trata da exposição gratuita e precoce das crianças. Há outros meios de estimular também as crianças: músicas, internet, comerciais, shows infantis, brinquedos e jogos, que são cada vez mais "adultos" e incitam as crianças à pornografia e erotização.

A orientação de um professor de educação infantil é muito importante, pois é nessa idade que as crianças começam a ser expostas aos problemas sexuais, pois desde o nascimento as crianças começam a estimular seus sentidos sexuais através do tato, olfato, paladar. A sexualidade infantil é um fenômeno natural inato que emerge em seu processo de desenvolvimento e consciência do próprio corpo.

Os professores da primeira infância têm a responsabilidade de criar e fornecer um ambiente para que as crianças aprendam e se desenvolvam de uma maneira agradável, divertida e significativa. Para tanto, acredita-se que a formação docente relacionada às questões de sexualidade é muito importante, pois a criança deve descobrir, principalmente para proteger seu corpo e de seus amigos, de modo a cooperar em seu desenvolvimento.

Nesse sentido, o artigo possibilita refletir sobre as ações voltadas ao desenvolvimento infantil, uma vez que os professores, por sua própria natureza, devem ter uma compreensão profunda da infância, nomeando as crianças como protagonistas de ações que reconhecem o mundo, assim como de ações características que envolvem uma compreensão sobre a sexualidade infantil. O professor é responsável pela reflexão contínua e sistemática sobre sua própria prática, seus

conceitos de criança, educação e sexualidade infantil e seu papel na formação da premissa do desenvolvimento pessoal da criança.

## REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. AUAD, Daniela. Formação de professoras, relações de gênero e sexualidade: um caminho para a construção da igualdade, 2005.

AZEVEDO, Heloísa Helena; SILVA, Lúcia Isabel da C. **A Concepção de Infância e o Significado da Educação Infantil.** Revista Espaços da Escola. Editora Unijuí. Ano 9. nº. 34. Out./Dez. 99. p. 34-40.

BORGES, Maria Fernanda Silveira Tognozzi. **A sexualidade no cotidiano da escola infantil: o que fazer com ela?** In: SOUZA, Regina Célia de; BORGES, Maria Fernanda Silveira Tognozzi (orgs). A práxis na formação de educadores infantis. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BRANDALISE, Daniele et al. **Representações de Sexualidade e Educação Sexual das educadoras de Educação Infantil.**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 2v.: il.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação.** Brasília: MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.**

BRASIL. Plano Nacional de Educação (2001). **Plano Nacional de Educação. Lei nº. 10.172, de 09 de Janeiro de 2001.** Disponível em <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 13/08/2022.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal.** São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999. (Educação em pauta: temas transversais)

DIDONET, Vital. Educação Infantil. Humanidades, Brasília, 1997, nº. 43. (p. 89-98)  
EIBEL, Maria Irene Reginatto. A importância da Educação Infantil no contexto Educacional e Social. Disponível em <<http://www.funab.org.br>>. Acesso em 13/08/2022.

FERREIRA, Cátia Bairro et al. **Educação Infantil: Gênero e Lúdico.** Disponível em <http://ufms.br>. Acesso em 13/08/2022.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. 1ª Coletânea. Moriá Gráfica e Editora Ltda.- Londrina, 1999.

\_\_\_\_\_. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas, Sp: Mercados de Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006. (Coleção Dimensões da sexualidade)

FOREST, Nilza Aparecida; WEISS, Silvio Luiz Indrusiak. **Cuidar e Educar: Perspectivas para a prática pedagógica na Educação Infantil**. Disponível em <http://www.icpg.com.br>. Acesso em 13/08/2022.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Corpo, Gênero e Sexualidade na Educação Infantil**. (2009). Disponível em <http://online.unisc.br>. Acesso em 13/08/2022.

GALVÃO, Ana Paula et al. **Cotidiano na Educação Infantil. Periodicidade Semestral**. Número 4 - Ago/Dez de 2001. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br>. Acesso em 13/08/2022.

GTPOS - **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau/ tradução e adaptação Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

HAMANN, Fernanda Passarelli. **Erotização da infância: a história de uma nova forma de ser criança**.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas**. Ver. Paul. Educ. Fís. São Paulo, supl.4, p. 7-14, 2001.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MANGOLD, Maritânia et al. **Sexualidade na Infância**. Universidade do Contestado - Unc - Concórdia/SC, 2007. Disponível em: <<http://www.pesquisa.uncnet.br>>. Acesso em: 28 dezembro 2009.

MARAFON, Danielle. **Educação infantil no Brasil: um percurso histórico entre as idéias e as políticas públicas para a infância.** s/d. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em 13/08/2022.

MINUSCOLI, Maritânia et al. **Sexualidade e Ludicidade na Educação Infantil.**

NUNES, César; SILVA, Edna. **As manifestações da sexualidade da criança: desafios teóricos e subsídios didáticos para pais e educadores.** Campinas, Sp: Século XXI 1997. (Coleção Sexualidade e Educação).

\_\_\_\_\_. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Nina Eiras Dia de. **Sexualidade Infantil.** Jornal Existencial On Line. Edição Especial. 15/06/2000. Disponível em <<http://www.existencialismo.org.br>>. Acesso em 13/08/2022.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

ORTIZ, Cisele. **O papel do professor de crianças pequenas.** Revista Pátio: Educação Infantil, Porto Alegre, v.5, n.13, p. 10-13, mar./jun. 2007.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade.** São Paulo: Editora Gente, 1999.

PONTES, Aldo. **A educação das crianças na sociedade midiática: desafios para formação e prática docente.** São Paulo. Disponível em <http://encipecom.metodista.br>. Acesso em 13/08/2022.

\_\_\_\_\_. **A constituição da infância na sociedade midiática: notas para compreensão de outro universo infantil.** Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 8, n. 17, p. 213-218, set./dez. 2007.

RAPOSO, Ana Elvira Silva. **Sexualidade Infantil: Formas de pensamento em uma escola para a Educação Infantil e na família da criança.** Rio de Janeiro, 2004. Tese de Doutorado. Disponível em: Acesso em 28 dezembro 2009.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. **Infância e Pedagogia: dimensões de uma intrincada relação.** Florianópolis, Perspectiva, v.15, n 28, p.21-33, jul/dez, 1997. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br>. Acesso em 13/08/2022.

RODRIGUES, Renata Pimenta. **Desejo, diferença e sexualidade na Educação Infantil: uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares.** Porto Alegre, 2007. Dissertação de Mestrado. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br>>. Acesso em 13/08/2022.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica.** São Paulo: Ômega Editora, 2000.

SCHINDHELM, Virginia Georg. **A Educação Infantil e a Sexualidade**. Espaço para aprender?. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR. 26 a 29 de outubro de 2009. Disponível em <http://www.pucpr.br>. Acesso em 13/08/2022.

SOARES, Ângela da Silva. **Concepção de infância e Educação Infantil**. Disponível em <http://www.artigonal.com>. Acesso em 13/08/2022.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. (1999). Trabalho apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu.MG. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br>. Acesso em 13/08/2022

VEIGA, Aida. **Princesas Precoces**. Veja, Brasil, 01 nov. 2000.

WEREBE, Maria Jose Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, Sp: Autores Associados, 1998. ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. Revista Psicologia em estudo.v 13, n. 1. Maringá. Jan/mar. 2008.